

## A harmonia secreta

### *The secret harmony*

**Eduardo L. Beserra**

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Brasil.

#### **Eduardo L. Beserra**

Mestre em Estudos Literários.  
Membro do Grupo Estudos  
Literários Comparados  
(UFRPE).  
<https://orcid.org/0000-0002-4154-5010>.  
eduardolimasr@gmail.com

Submetido em: 07/01/2026

Aceito em: 1º/03/2026

Publicado: 31/03/2026

*e-Location*: 20465



ISSN: 2317-9945 (On-line)

ISSN: 0103-6858 (Impressa)

#### **Resumo**

Este texto apresenta uma resenha do livro *A harmonia secreta do caos* da poeta, professora e pesquisadora recifense Renata Pimentel. A obra foi publicada em 2022 pela editora Confraria do Vento, sediada no Rio de Janeiro. Este não é, a propósito, o primeiro livro de poemas da autora: integram seu projeto poético os títulos *Da arte de untar besouros* (lançado em 2012, com segunda impressão em 2015) e *Denso e leve como o voo das árvores* (2015). O objetivo é apontar os motivos centrais da obra em questão, destacando, entre seus múltiplos aspectos e tonalidades, aqueles relacionados à memória, ao cotidiano e à reificação. Pretende-se também evidenciar, em alguma medida, o processo criativo da poeta, a sutileza de sua escrita poetizada, que transforma a página em um campo de possibilidades de contato com a palavra e com aquilo que ela pode comunicar.

**Palavras-chave:** memória; cotidiano; reificação

#### **Abstract**

*This text presents a review of the book *A harmonia secreta do caos* by the poet, professor, and researcher Renata Pimentel, from Recife. The work was published in 2022 by the Rio de Janeiro-based publishing house Confraria do Vento. This is not, notably, the author's first book of poems: her poetic project also includes the titles *Da arte de untar besouros* (released in 2012, with a second printing in 2015) and *Denso e leve como o voo das árvores* (2015). The objective is to identify the central motifs of the work in question, highlighting—among its many aspects and nuances—those related to memory, daily life, and reification. Furthermore, it aims to reveal the poet's creative process and the subtlety of her poetic writing, which transforms the page into a field of possibilities for engaging with the word and what it is capable of communicating."*

**Keywords:** memory; daily life; reification.

Quando nos espraíamos sobre *A harmonia secreta do caos* (2022), terceiro livro de poemas da poeta, professora e pesquisadora recifense Renata Pimentel, entramos em contato com um universo que congrega o humano e o inumano pelas articulações de uma tessitura delgada, em que a letra poetizada se derrama nas páginas desarticulando formas cristalizadas de compor versos e comunicando o que pode haver de transgressivo no discurso poético.

Os poemas não obedecem a regularidades métricas nem se enquadram em formas poéticas rígidas. Isso implica dizer que os versos são, grosso modo, “caoticamente” livres. Além disso, percebemos um sutil fio narrativo com vozes líricas que transitam entre o concreto e o etéreo, articulando-se em processos que, por um lado, buscam o amavio e o prazer das experiências e, por outro, radicalizam até onde podem estas mesmas experiências, fazendo-as esbarrar no desassossego gerado por perquirições constantes e variadas – uma vez que tais vozes tombam no mundo e em si mesmas quase sem termo. Trata-se, então, e antes de qualquer outra coisa, de uma poética interrogativa, cujas indagações exigem de nós, leitores, a atenção extrema quando com elas entramos em contato. Aliás, não é este um dos fins da poesia, desde que pensada em termos alusivos aos nossos intentos (por vezes obsessivos) de conferir-lhe significados ou uma mancha pálida de sentido?

Os versos do livro se organizam em torno de 52 poemas. Os tons e os temas são os mais variados dentro do cosmos criado e recriado pela poeta: da memória e suas dinamizações; de certa exultação ao choro; da febre exasperada à leveza inapreensível; das ambiguidades do tempo à suspensão da matéria; da vida, em todas as suas variações do pulsar, à morte; do ser/estar miúdo e comezinho à reificação do humano e da natureza. Enfim, são muitas as alternâncias de tonalidades que, claro, jamais se reduzem às dualidades que talvez a exposição temática possa sugerir. Dos temas então arrolados, destacamos três categorias que se dão a ver dominantes na fatura da obra: *a memória, o cotidiano e a reificação*. Do total de poemas que o livro comporta, mais da metade se enquadra nos segmentos selecionados.

Ao percorrermos o livro, ora somos envolvidos por um quê de apaziguamento perante as coações da existência, ora somos assaltados por um desespero que nos

põe num movimento dirigido ao desejo de transformação humana, cultural, artística e social (o que se faz notar deste o primeiro livro de Pimentel). Quanto a esses veios agoniados a que fazemos alusão e que estão presentes em parte considerável dos poemas do livro, é possível ponderar: trata-se, em particular, da poesia escandindo o seu caráter de resistência (o que implica criticidade) frente às transformações irrefreáveis do mundo e aos problemas daí advindos, procurando, com isso, comunicar algo essencial e passível da inquietação aguda do leitor a partir dos fatores sociais e materiais que atravessam, de modo geral, as obras literárias.

Na obra em pauta, o caos tudo habita e integra, e sua manifestação se dá por meio de condutores profusos. Nestes versos de “a experiência da poesia”<sup>1</sup> (p. 35): “é íntima, solitária/ nunca sozinha/ quando afundo em mim encontro tantas e todas somos uma só [...]”, a voz poética está engastada na quietude até que algo a empurra em direção a si mesma (trata-se de um chamado altissonante vindo de um lugar opaco? de uma ventania carregada de mensagens enviadas pela alma a entrar pelos seus poros? ou são maquinações do inconsciente?). Mirando seus interstícios, a voz vislumbra o caos há muito estabelecido, com seus componentes entrando em certa coesão, a qual não é definitiva tampouco permanente e dada à resolução. Não existe estabilidade à vista, menos ainda o querer dela. O catalisador entrevistado são lascas de memórias, como o poema, em sua integridade, procura mostrar. Deslocando-se em si mesma e em imagens que povoam seu pensamento, a voz lírica remonta a tempos acumulados na infância. Nessa temporalidade dada pela vivência poética, evocam-se perfumes, cores, paisagens, corpos, objetos tantos, mas deixando ver seu lado de pungências, pois ela (a poesia) é “uma experiência de revés” (p. 35).

Tal caráter desditoso atribuído à poesia se espalha na obra justamente pela persistência da memória, feito forças cuja função irreduzível é deflagrar a inquietude que se deixa ver em determinado nível de desagregação da noção afável de cotidiano. Em *A harmonia secreta do caos*, o sujeito poético vê-se no entremeio do que é sereno e do que suplanta a calma da vida simples e, em algum grau, estúpida (tediosa). É o que podemos ver por “anfêmera” (p. 77): “um dia sem serventia/ não cerzi lençóis nem arrumei gavetas [...] os ruídos do mundo se embaralham/ em sintonia/ enquanto

---

<sup>1</sup> Por predileção da poeta, os títulos dos seus poemas são grafados com iniciais minúsculas.

sigo desencilhando barcos/ e respirando silêncios inventados// nada produzido na lógica da valia/ só me resta ter escrito uma poesia [...]”.

Aquilo que se alinha a atos cotidianos mecanizados, como os versos destacados deixam ver, entra em suspeição e suspensão. A negatividade, cara à poesia contemporânea, mostra-se em não se deixar ceder à estabilidade, ao que confere conformidade ao habitual, porque o mundo está exacerbadamente fraturado, encontrando-se num tal grau de dilaceramento que as coisas pequenas precisam ser desbancadas do imediato. Ofega nas entrelinhas o anseio do desalojar-se do rotineiro, fazendo com que entre na ordem do dia o intuito cabal de deixar-se conduzir por um estranhamento muito pouco sentido em meio às maquinações cotidianas. O “vozerio” se assenta em outros sentidos (um chamamento singular? um caminho para encontrar uma lucidez ausentada?). Ao que sobra: “Só me resta ter escrito uma poesia” é tal qual uma bifurcação perante a voz lírica: até que ponto dar vida a um poema não entra no esteio das demandas da valia?

A obra de Renata Pimentel se encaminha com uma maturidade poética reatualizada a cada livro, dando a ver o aprofundamento de questões que lhe são caras do ponto de vista social, político, histórico, artístico e existencial. Isso faz com que sua poética se firme como espaço em que se reúnem os motivos pelos quais é preciso, ao som de vozes e atos tantos, sufocar os motivos que reificam a natureza, a vida e a arte... Esse flanco que se abre em *A harmonia secreta do caos* nos leva aos versos de “a insistente penumbra” (p. 46-47), os quais reproduzimos em totalidade, em especial pela sua configuração formal, nas próximas linhas:

na obscuridade  
seguiu a vida  
: se esfacelam valores que a justifiquem

Ideologias  
, como máscaras,  
são luxo  
vendido em e-commerce by delivery

postigos adereços jogados  
pelos postigos  
enquanto porcos comem as embalagens  
de papel-manteiga (  
fina iguaria em tempos sem rima

)

e o corpo esquece  
desarticula-se  
[em membros lassos]  
: entorna em si  
os limites

já as fronteiras são diariamente rearticuladas  
:  
as antigas máquinas não fazem sentido  
– desejanter não são mais

! são só continências!

restam carnes inertes  
# no conluio apenas folhas, frutos e bichos

– porque não aprendemos a ser animais  
combustamos em monturo  
e o Fogo segue  
: único elemento que nos anima  
e nos retorna a cinzas

A condição humana coisificada tenta a todo custo subverter os fatores que assim a tornam. A linguagem e seus elementos de articulação são processados fora do esperado, afinal, não se pode esperar a subversão de determinados estados de ser e de estar sem que por aí se comece. Trata-se da matéria poética confluindo nos seus termos o que pode, em alguma medida, ser conciliado, embora, do ponto de vista prosaico, signos diversos não possam ser somados para, enfim, ruir condições desalentadoras da realidade.

O corpo desesperado e “lasso”, supostamente sucumbido à máquina laboral que o trucidada na ordem dos dias, caminha condicionado aos limites incorruptíveis. Impedido de cruzar as delimitações físicas e mentais, revolta-se contra si e contra o outro. Tal senso de “insurreição” pede a desagregação da matéria, da vitalidade, como se não houvesse possibilidades de refazer as rotas e engendrar valores novos. Tomado pela agonia que se decanta desde a memória, passando pelas amarras do cotidiano, até a coisificação exigente de temperanças e imobilização do agir, esse corpo insubordinado ao alheamento constata que a cooperação e as transformações essenciais dão-se

apenas no mundo natural, onde tão somente folhas, frutos e bichos se harmonizam para debelar o caos – como se fossem “guerrilheiros da boa ordem”.

Mundo primitivo e natural a ser tomado como fonte de exemplo? Há na poesia de Pimentel (e aqui se faz referência aos seus outros livros) o anseio de o eu poético regressar a tempos outros, como se fosse um modo utópico necessário para, então, escapar das durezas do mundo advindas das lógicas de poder armadas pelos homens de “tangas de ouro” – na expressão de Álvaro de Campos. No que concerne a isso, os elementos primordiais se deixam flagrar constantemente nessa poética para, no nosso entender, recompor um modo de ser brando e dispensado das engrenagens esmagadoras do mundo do capital: mundo este em que a rememoração se dá em desencontro com as urgências cotidianas; mundo em que as relações de produção coagem e manipulam os mais fracos e embotam sonhos; mundo em que, uma vez ainda, as desigualdades de toda sorte reinam, sobretudo as econômicas e sociais; mundo tal, enfim, que condena os velhos à margem porque não mais servem às engrenagens do trabalho.

Nesse sentido, acerca da consciência social que está presente na literatura, Fredric Jameson (1992, p. 18) considera que “nada existe que não seja social e histórico – na verdade, tudo é, em última análise político”. É justamente esse lastro político o único caminho para se escapar da reificação humana. E tal se faz notar na poética de Pimentel, bem como em certa poesia atual que parece ser filha dos expoentes da poesia engajada dos anos 70 e 80 do século passado. Sendo assim, a forma estética não se desagrega da história, pois esta é, por definição, a base mais sólida daquela (Jameson, 1992). E, por extensão, para Theodor Adorno (2003), quando a arte não coloca em xeque as mazelas, as decadências e tantos outros dissabores que fazem a humanidade soçobrar no sofrimento, ela acaba convertendo-se em “cúmplice da barbárie” (p. 260).

Tendo isso em vista, concluímos este breve texto, no qual destacamos apenas três aspectos que julgamos centrais na poesia de Renata Pimentel, a partir de A harmonia secreta do caos, contando ter mostrado a força de sua obra, de como pode ser necessária para a reflexão à volta dos diversos âmbitos da vida. Por meio do que aqui foi colocado, é importante que se diga que a literatura, ou melhor, a poesia, com

seus traços essenciais de negatividade, ostenta e esquadrinha as lacerações da vida humana e natural, repontando como indispensável para o exercício do pensamento crítico, incitando o leitor a agir em função de transformações necessárias na sociedade.

Para tanto, o tempo da poesia (em extensão, da literatura) precisa ser ralentado/abrandado. A luta então entrevista pelos seus meios jamais deverá ser sectária, mas sim pautada em ações que devem, a cada cumprimento, fazer desabar as potências de suplante, as estruturas de poder que solapam o pulsar da vida em toda a sua amplitude. E na agoridade paradoxalmente ansiosa que transpassa os dias e os fazeres da poeta, versos de um conterrâneo seu fazem ecos nesta obra de caos e harmonias. Pois, quando tudo estiver feito, ao menos para um sossego íntimo, embora suspeito: “[ela] encontrará a casa limpa, / a mesa posta, / com cada coisa em seu lugar” (Manuel Bandeira – versos de “Consoada”).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Unesp, 2003.

BANDEIRA, M. Opus 10. In: BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1965.

CAMPOS, A. (Fernando Pessoa). **Poema Ultimatum**. Disponível em: <https://docecomoachuva.blogspot.com/2010/10/ultimatum-alvaro-de-campos-fernando.html>. Acesso em: 17 set. 2025.

JAMESON, F. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

PIMENTEL, R. **A harmonia secreta do caos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

PIMENTEL, R. **Da arte de untar besouros**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2015.

PIMENTEL, R. **Denso e leve como o voo das árvores**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2015.